

Credores ocidentais voltam a negociar os débitos da Polônia

por Mário de Almeida
de Paris

Os países ocidentais credores da Polônia reuniram-se ontem, em Paris, pela primeira vez desde janeiro de 1982, para tratar da dívida externa desse país do Leste Europeu.

Os contatos financeiros oficiais foram rompidos logo depois que os militares tomaram o poder em Varsóvia e os compromissos vencidos nos dois últimos anos sobem a 2,4 bilhões de dólares. A dívida total da polônia é de 25 bilhões de dólares, dos quais pelo menos 17,5 bilhões são empréstimos garantidos pelo tesouro dos países ocidentais desenvolvidos.

A reabertura das negociações se faz em condições de excepcional segredo. Como a Polônia não faz parte do Fundo Monetário Internacional, os seus atrasados não passam pela rotina do "Clube de Paris". Os funcionários dos dezesseis países credores representados em Paris reuniram-se, então, no quadro de uma conversa privada. Em tese, cada um deles manterá hoje cedo uma reunião bilateral com o delegado polonês. Na prática, eles trataram ontem de unificar suas posições.

A primeira divergência entre os credores é sobre o prazo do refinanciamento. A Polônia falava, em julho passado, em vinte anos, com oito de carência, e novos créditos para a compra de peças e de componentes necessários à operação das fábricas instaladas pelos países ocidentais nos últimos dez anos. Agora, Zbigniew Karcz, encarregado das contas externas no Ministério das Finanças de Varsóvia, chegou a Paris com uma proposta de doze anos de prazo, com cinco de carência. Entre os credores, os Estados Unidos, que não estão entre os maiores, preferem limitar o prazo a oito anos, mas aceitam chegar a dez. Os verdadeiros líderes da negociação, França e Alemanha, que em conjunto detêm quase a metade dos créditos vencidos no biênio

1982-83, admitem os doze anos.

A outra diferença entre os credores é o montante da renegociação. Os Estados Unidos querem tratar primeiro de 1982 (2,4 bilhões de dólares) e depois examinar 1983 (1,5 bilhão de dólares só de amortizações), impondo talvez condições um pouco mais suaves. Ainda uma vez, França e Alemanha preferem tratar do passado numa única conversa.

Ainda não se sabe de que maneira essas diferenças foram acertadas na reunião exclusiva dos credores. Se a Polônia obtiver o prazo de doze anos, o Brasil poderá saltar na mesma trilha quando for acertar a posição com o Clube de Paris, na terça-feira que vem.

Estratégia brasileira

por Mário de Almeida
de Paris

O principal funcionário da Secretaria do Planejamento para Assuntos Internacionais do Brasil, embaixador José Botafogo Gonçalves, está em Paris desde ontem, também para acompanhar as negociações com a Polônia. Ele não participará da reunião dos países industrializados como negociador polonês, Zbigniew Karcz, mas poderá encontrar-se com o enviado de Varsóvia no fim de semana, para tratar

dos créditos brasileiros vencidos.

O Brasil não tem reservas em divisas para refinar essas faturas, da mesma forma como não pode sentar ao lado dos credores da Polônia, simplesmente porque essa seria a maneira mais ingênua de admitir que tem problemas parecidos com os do mundo industrializado — e no caso teria de dispensar a condição de país subdesenvolvido, abdicando de crédito a taxas favorecidas nas organizações internacionais.
